

“RELIGIÃO, EDUCAÇÃO E CIÊNCIA NO SÉCULO XX”

(ASPECTOS)

Prof. João Francisco Regis de Moraes

Filosofia da História

Há múltiplas manifestações da fuga ao sagrado acentuadas em nosso século. A observação e a reflexão apontam-nas. Está claro que a História não nos autoriza a afirmar que tal movimento centrífugo (do sagrado misterioso para o profano racional) seja nota característica do século XX exclusivamente.

No entanto, dos anos 30 para cá, deu-se uma tomada de posição do Ocidente que, embora não seja fato isolado do pretérito, mostrou considerável dose de originalidade.

Considerando três variações do sagrado, ocupar-nos-emos neste trabalho de, também, três modalidades de fuga: “a secularização (em campo propriamente religioso), a democratização do ensino e a divulgação científica”.

Se a nossa análise é correta, vamos encontrar o ponto de partida dos movimentos em foco no segmento histórico em que se dá a “democratização da Razão” – para usarmos uma linguagem figurada. Para que não recuemos demasiadamente no tempo, estabeleceremos a principal consequência do advento da ciência moderna (o Iluminismo) como o próprio símbolo dos pensamentos imanentistas que passaram a cultuar a Razão e a oferecê-la ao povo como “realidade divina”. As grandes figuras do “Século das Luzes” – assim como seus seguidores, encontráveis até hoje – foram os pregadores do evangelho da imanência.

Seguindo a argumentação que vamos apresentar, veremos a secularização, a democratização do ensino e a divulgação científica atenderem (quase que inconscientemente) aos apelos racionalistas do Iluminismo, de forma bem sutil.

HISTORICAMENTE

Durante mais de uma dezena de séculos a realidade só foi compreendida quando iluminada de fora pelo transcendental. O mundo era a manifestação dos insondáveis pensamentos de Deus. A situação humana não era absolutamente de perplexidade, pois o que era incompreensível ficava à conta de uma vontade divina inquestionável, enquanto que as coisas claras e distintas eram chamadas "a vontade explícita" do Todo-poderoso.

Com o advento da ciência moderna, vão sendo descobertas leis que regem internamente a natureza; e parece bastante satisfatória, para a explicação da realidade, a relação determinista de "causa-e-efeito".

Dáí chegaremos ao Iluminismo, que apresenta como figuras de base Isaac Newton e John Locke. Newton teve como sua realização fundamental "submeter toda a natureza a uma interpretação mecânica precisa" (1). Na história da ciência coube a Newton estender a idéia das leis físicas invariáveis a toda a realidade universal. É evidente que isto significou total reviravolta no pensamento, pois, como escreve BURNS: "os homens tinham passado a habitar um mundo em que a sucessão dos acontecimentos era tão automática como o tique-taque de um relógio" (2). MAX WEBER diria que a realidade "encantada" da Idade Média fora exatamente "desencantada". John Locke desenvolveu a idéia de que o conhecimento humano é o resultado dos processos de associação que a mente executa a partir dos dados primários obtidos pelas percepções sensoriais. Posteriormente, entre inúmeros pensadores de estirpe, como Helvetius, Holbach, D'Alembert, Hume e, principalmente, Rousseau despontou a máxima personalização dos ideais iluministas: Voltaire.

Ora, examinemos as concepções fundamentais do século XVIII. Este era um tempo em que o homem passava a confiar muito em si mesmo, desprezando ostensivamente o passado e procurando trazer para sua própria esfera o rigor matemático da ciência. Disto resultam duas palavras mágicas que passaram a empolgar: RAZÃO e PROGRESSO. Quanto ao século em análise, escreve Franco AMÉRIO: "mais uma vez se há-de pensar não só em prescindir, mas até em rejeitar o sobrenatural" (3).

Eis o elenco das concepções iluministas, segundo BURNS:

(1) Burns, E. McNall. *História da Civilização Ocidental*. Porto Alegre, Edit. Globo, 1 966.

(2) Burns, E. McNall: Op. Cit.

(3) Américo, Franco. *História da Filosofia* (Vol. II). Coimbra, Casa do Castelo Editora, 1 961.

1) A Razão é o único guia infalível da sabedoria.

2) O Universo é uma máquina governada por leis inflexíveis que o homem não pode desprezar. A ordem da natureza é absolutamente uniforme e de nenhum modo comporta milagres ou qualquer outra forma de intervenção divina.

3) A melhor estrutura da sociedade é a mais simples e a mais natural.

4) Não existe pecado original. O homem não é congenitamente depravado, mas levado a cometer atos de crueldade e de baixaza por padres intrigantes e déspotas belicosos. A infinita perfectibilidade da natureza humana, e portanto da própria sociedade, seria facilmente exequível se os homens tivessem a liberdade de seguir as diretrizes da Razão e dos seus instintos inatos (4). Vemos que o dogma, tão caro à mentalidade religiosa da Idade Média, significava a própria encarnação da indigência intelectual no Iluminismo.

Daí a criação — sempre indevida das duas expressões: Idade Escura e Século das Luzes.

Este animado e entusiástico século XVIII foi, contudo, palco de um movimento abortivo. Diríamos que em termos de validade o Iluminismo já nasceu morto pelas próprias limitações da razão humana e por um inexplicável alheamento à força das paixões e vontades do homem. O mesmo século “das Luzes” que bradava incessantemente: “Igualdade, Liberdade e Fraternidade” foi o que ensejou a Revolução Francesa, que decapitava seres humanos com a freqüência e a naturalidade com a qual arrancamos os topos dos quiabos em nossas cozinhas. No entanto é preciso que lembremos: um movimento abortivo como expressão, não como influência. De certa forma influencia até os nossos dias, pois como resultante máxima do advento da ciência moderna, significou o momento de um processo que se prolonga até nós — momento em que os principais desafios foram feitos aos amantes do imanentismo. O mencionado processo tem nova fase de tumulto no século XIX, ocasião na qual surge e é divulgado o valor do “útil” que se deveria somar ao apenas “racional”. No século passado, mais que nunca, a palavra de ordem foi PROGRESSO e a suprema paixão humana esteve encarnada na Ciência e na Técnica. É o tão comentado “cienticismo” da centúria passada e — por que não reconhecermos? — do nosso século, até certo ponto.

Chegamos, portanto, à época em que (de maneira mais ostensiva) a Ciência pretendeu haver aniquilado os mitos fundamentais da

(4) Burns, E. McNall. Op. cit.

Religião. Mas ocorre — e isto chega a ser divertido ! — que a própria ciência se erige em nova deusa, estabelecendo um culto apaixonado com legião bem grande de novos convertidos.

As igrejas, agora, serão os impressionantes laboratórios com seu ar de magia, ou as fundações para o progresso da pesquisa. Muitos sacerdotes, holocaustos sem conta e — não escondamos ! — uma expressiva quantidade de realizações também excelentes.

A DIVINIZAÇÃO DO IMANENTE

Chega, então, na História, aquela hora em que parece não mais serem necessárias as luzes do sobrenatural para que o mundo seja compreendido. Afinal, se existem leis internas regendo a natureza, o próprio mundo se mostra capaz de explicar a si mesmo. A partir disso, por que continuarmos forçando explicações transcendentais ? e, até mesmo, por que mantermos religiões que, por assim dizer, estão fora da realidade desse UNIVERSO CAUSAL ? Tais raciocínios, cremos, constituem a base da tendência — primeiramente tendência — à secularização. Afinal, o século XIX vivia já amplamente, em sua filosofia pelo menos, a tendência à secularização. Para citarmos apenas duas das importantes figuras da mencionada centúria, KARL MARX fez absoluta questão de buscar uma explicação para a realidade na própria realidade. Augusto Comte, como ele próprio dizia, tomara o Senhor pela mão e, levando-o à última fronteira do mundo, dissera-lhe: “Obrigado pelo que já fez. Doravante não precisamos mais do Senhor !” Vale dizer, também Comte exortou a Humanidade a consultar as próprias coisas e suas peculiaridades para compreender a natureza.

Mas no específico âmbito religioso foi Friedrich GOGARTEN que, no princípio deste século, tentou “uma legitimação à secularização” (5), levantando vivamente o problema em cores de nítida teologia. Conquanto importante autor, Gogarten não parece haver colhido o momento histórico apropriado, como iria acontecer a Dietrich BONHOEFFER. Examinemos palavras deste último, escritas em 1944:

“O Movimento em direção da autonomia humana (entendo com isso a descoberta das leis segundo as quais o mundo vive e se basta a si mesmo no domínio da ciência, da vida social e política, da arte, da ética e da religião), que se inicia por volta do século XIII (não quero adentrar-me numa

(5) Bolan, Valmor. **Sociologia da Secularização**. Petrópolis, VOZES, 1972.

discussão ociosa sobre a época exata), chegou a completar-se de certo modo em nossos dias. O homem aprendeu a chegar ao fundo de todas as questões importantes sem fazer apelo à "hipótese Deus". Isso é óbvio nas questões científicas, artísticas e até mesmo éticas, e não há quem duvida disso; desde há cerca de cem anos, isso é também cada vez mais válido no tocante às próprias questões religiosas; tornou-se claro que tudo vai sem Deus tão bem como antes. Assim como no domínio científico, também no terreno humano Deus é afastado cada vez mais longe da vida; ele perde terreno."

"Os historiadores católicos e protestantes estão de acordo em ver nesta evolução um movimento que nos afasta de Deus e de Cristo, servindo-se deles, tanto mais essa evolução se revela anticristã. O mundo tomou consciência de si e de suas leis vitais, e tem uma segurança tal que nos inquieta" (6).

Bonhoeffer colhe um momento histórico propício, quer pela nova consciência, quer pela confusão. Sim: ele logra atingir e abalar aqueles que estavam conscientes do distanciamento havido entre as igrejas cristãs e o sofrido mundo das guerras, assim como passa a ser mal entendido por todos os revoltados e confusos, que ouvirão do grande teólogo não o que este realmente pretendeu dizer mas o que desejavam ardentemente ouvir.

De Dietrich Bonhoeffer para cá a linguagem da secularização assume o sentido mesmo de uma metafísica da imanência (o racional). Vinte e três anos após o enforcamento de Bonhoeffer (por ordem de Hitler), o teólogo Harvey COX definiria a secularização com as seguintes palavras: " (é) o desagrilhoamento do mundo da compreensão religiosa ou semi-religiosa que tinha de si mesmo, o banimento de todas as concepções fechadas do mundo, a ruptura de todos os mitos sobrenaturais e símbolos sagrados" (7).

Mas o caráter dialético da secularização era um dado nem sempre conhecido de início. Isto é, em sua busca de libertação, de desagrilhoamento, estavam os germens de uma nova espécie de escravidão. Ocorre que as intenções sutis e puras da secularização foram transformadas, socialmente, em algo pobre e lastimável a que poderíamos chamar "secularismo".

Aliás, o próprio Harvey Cox distingue bem uma coisa da outra, sem no entanto atinar que, de um ponto de vista comportamental, o secularismo vinha como conseqüência da secularização — mal ou bem entendida. A respeito do secularismo escreve Cox: (é) "o nome para uma nova ideologia, para uma nova visão fechada do mundo, que funciona de maneira muito semelhante a uma

(6) Bonhoeffer, Dietrich. *Résistance et soumission*. Genebra, Ed. Labor et Fides, 1 963.

(7) Cox, Harvey. *A Cidade do Homem*. Rio, Ed. Paz e Terra, 1 968.

nova religião" (8). Contudo, Peter L. BERGER dos mais lúcidos sociólogos do nosso tempo, considera que o secularismo não foi só um movimento entre outros, mas a atitude geral assumida gradativamente após o início da secularização. Não um aspecto do comportamento religioso ocidental mas toda a caracterização deste mesmo comportamento. Diz: "foi somente com o assalto da secularização que a plenitude divina começou a recuar, até que atingiu o ponto em que a esfera empírica se tornou abarcadora de tudo e perfeitamente fechada sobre si mesma. Neste ponto, o homem estava verdadeiramente sozinho na realidade" (9). Em palavras do próprio Bonhoeffer vamos encontrar, numa quase antecipação, o receio do que posteriormente se concretizou. No texto deste teólogo, citado pouco atrás, quando analisa a "realidade sem Deus do UNIVERSO CAUSAL, surpreendemos as seguintes palavras finais: "O mundo tomou consciência de si e de suas leis e **tem uma segurança tal que nos inquieta**".

Forçada, portanto, pelo racionalismo imanentista que adveio dos progressos científicos na idade moderna, a Humanidade — como o filhote do passarinho que tenta seu inseguro vôo de independência — executou uma aventureira fuga do sagrado. Como acredito, Cristo não buscou explicar o mundo através do sobrenatural; ao contrário, ele explicou o sobrenatural com recursos da natureza, segundo podemos observar em suas parábolas extremamente plásticas e simples. Mas, ocorria que, uma vez entendidas as coisas mais altas, estas últimas passaram a imprimir verdadeiro sentido ao natural — e esta última lição talvez não tenha podido ser percebida pelos paladinos da interpretação causal do universo (referimo-nos ao determinismo de causa-e-efeito).

O próprio Peter L. Berger escreve hoje, contra todas as correntes ditas modernas: "A redescoberta do sobrenatural será sobretudo uma reconquista da abertura em nossa percepção da realidade" (10).

A VULGARIZAÇÃO DO PROCESSO INICIÁTICO

Desde os tempos antigos e através da Idade Média, o ensino foi uma espécie de maçonaria. Elites clericais ou de nobreza, via de regra, é que tinham livre entrada ao saber. Por condicionamento de estruturas econômicas do tempo ou por influência dos regimes passados, os tempos modernos — embora

(8) Cox, Harvey. Op. Cit.

(9) Berger, Peter L. **Um Rumor de Anjos**. Petrópolis, VOZES, 1 973.

(10) Berger, Peter L. Op. Cit.

houvessem melhorado bem quanto à difusão do saber — ainda permaneceram a visão do ensino como “algo sagrado”.

A contra-reforma, temendo usos abusivos da instrução, selecionava (principalmente através dos mestres e pedagogos jesuítas) o que deveria ser ensinado às gentes e, entre essas gentes, quais os elementos qualificados para receberem os referidos ensinamentos. Com apoio dos vários sistemas econômicos isto se transformou em norma de ação.

Nos países subdesenvolvidos principalmente, a Educação custou a ser secularizada, a independe do clero. Principalmente permaneceu de elite quase que por toda a primeira metade do século XX também. Uma vez secularizada em sua maior parte, um subproduto deste acontecimento era inevitável: a democratização. Não só pelo fato de se haver libertado o ensino das ordens clericais, mas também porque uma nova sociedade (a tecnológica) urgia muita gente útil e com mais flexibilidade para ser manipulada.

Também o advento da ciência moderna com sua mais alta expressão filosófica que foi o Iluminismo, tem a ver com democratização do ensino, pelo menos no que ela tem de claramente idealizado. Ora, os intelectuais “das Luzes”, em sua batalha contra a ignorância e o obscurantismo, cuidaram de estabelecer — entre os Direitos do Homem — o seu direito à Educação. CONDORCET, em sua contribuição à “Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão” (1793) argumenta vibrantemente em favor do livre acesso que todo ser humano precisava ter ao saber, que alimenta a RAZÃO operante. Entretanto, com as concessões feitas às iniciativas privadas do Ensino, a idéia mirrou para a apenas obrigatoriedade da educação primária (no século XIX e no princípio deste) (11). Logo pelos anos 30 — o que estabelece alguma coincidência com os albos da secularização religiosa como movimento social — a idéia do direito humano à “máxima” educação retorna e começa a ser levantado o estandarte que mais tarde nortearia as hostes da democratização do ensino.

Entretanto, como dissemos, ao mesmo tempo nosso país ia deixando vagarosamente a vida agrícola e pastoril para adentrar a etapa da industrialização e da tecnologia. Assim, começaremos a poder vislumbrar a profunda distinção entre as funções “manifesta e latente” da vulgarização do processo iniciático. Falamos assim, porque realmente entendemos que o ensino sempre foi um processo de iniciação aos sacramentos e caprichos da Ciência.

A função manifesta da democratização do ensino era e é absolutamente louvável: fazer subir os níveis nacionais de instrução, alfabetizar e

(11) Nassif, Ricardo. **Pedagogia de Nosso Tempo**. Petrópolis, VOZES, 1968.

não parar aí, oferecer a todos a oportunidade de SABER, enfim, concretizar o direito humano à educação. Contudo, desde que a sabedoria da ciência e os recursos tecnológicos foram subvertidos pelos sistemas econômicos, algumas novas e veladas funções puderam ser vislumbradas no ato de “educar o POVO”. Algumas surpresas nos estavam reservadas quanto às funções latentes da democratização do ensino. Com o notável avanço industrial, urgia dar ao povo condições para que este passasse a ter “mais necessidades”. Ora, o homem rude, sem nenhuma cultura contenta-se com tão pouco, que sua desambição ameaça as empresas produtoras. O indivíduo estudado tem mais necessidades, principalmente porque seus diplomas o condicionam a uma sensação de subida de “status”. Quando estudante, conhecemos colegas que usaram roupas simples e andaram a pé até a formatura. Depois, entenderam que não ficava bem trajarem-se despreziosamente e deixar para o tempo de mais fartura a idéia do automóvel. Tudo isto pela falsa concepção de que facilidades na vida escolar significavam também um afrouxamento da estratificação social, isto é, promoveriam maiores possibilidades de mobilidade vertical entre as classes sociais. Falsa concepção, repetimos, pois que houve tempo em que um indivíduo podia fazer carreira com um simples diploma de curso primário ou nem isso — os líderes estavam interessados em sua competência (que poderia ser adquirida por autodidatismo) e em sua força de personalidade talvez; diplomas, que tanto encantam a burocracia, nem sempre permitem que as coisas andem tão direito quanto antes. Então, a facilitação escolar parece ter estratificado ainda mais a sociedade, em outras bases. Também é importante lembrar que, diferentemente das aparências, os MEIOS DE PROPAGANDA atingem mais o elemento razoavelmente instruído, pois são necessárias pré-estruturas intelectuais para uma assimilação eficiente das mensagens propagandísticas. Finalmente, lembrar que: melhorando o status geral, sobe teoricamente o status do país, significando que as nações estrangeiras terão melhor disposição de investir em países alfabetizados, instruídos, inseridos no contexto industrial.

Dessarte, a Educação que — desde os mosteiros medievais — revestiu-se de um aspecto sacral, coisa só para iniciados e bem-aventurados, não só se secularizou como foi arrastada aos caminhos da vulgarização pelos desideratos tecnológicos. Assim se pronuncia o pedagogo Ricardo NASSIF “... a universalização do direito à educação também radicada na denominada **secularização** da cultura, típica das sociedades industriais e dinâmicas, no poder de difusão e de comunicabilidade dos bens culturais, que faz com que a cultura deixe de ser — pelo menos virtualmente — um privilégio ou uma propriedade de círculos restritos para difundir-se por todos os setores da população” (12).

Ora, não se entenda que o nosso trabalho pretende fazer a apologia da restrição do ensino, ou da asfixiante e injusta pirâmide educacional de algum tempo passado.

Entendemos mesmo que a dessacralização do ensino só foi positiva. O que nos preocupa é o pouco ou nenhum critério com que está promovendo a oferta de escolas ao povo, a maneira caótica pela qual nossas escolas estão aprovando e graduando, algumas vezes, incompetentes e despreparados. Entretanto, a única pretensão deste trabalho é a de mostrar a "democratização do ensino" como um tipo mais de fuga ao sagrado — agora em termos sócio-políticos.

A DISTRIBUIÇÃO DA "ÁRVORE DO BEM E DO MAL"

Durante largo tempo — e isto é muito curioso! — a própria Ciência conservou-se fechada ao público, realmente como o interior velado dos templos orientais, onde podem entrar e estar os "sacerdotes e iniciados". Nunca o bom-senso nos deixará negar que alguma qualidade sacral revestia a atividade científica. Até hoje, quando a divulgação científica vai atingindo seu auge, é comum em filmes cinematográficos, os cientistas serem apresentados como vultos milagrosos, abnegados ou diabólicos apóstolos que vivem trancados numa sala esquisita, onde sons desconhecidos se misturam ao pisca-piscar de luzes várias dos painéis indecifráveis.

Por todo esse tempo a Humanidade gozou a tranqüilidade de beneficiária da sempre vigilante plêiade de Heróis/cientistas. Era bom e cômodo saber que uma elite sacerdotal pesquisava o âmago da natureza para proteger-nos, como a criança que, ao dormir, gosta de ter certeza de que os adultos velarão seu sono e cuidarão da segurança da casa.

Entretanto, o desenvolvimento extraordinário dos meios de comunicação, a chegada à "Galáxia de Gutenberg" como diz MacLuhan, isto é, a chegada ao uso adequado do livro (da imprensa, então) — tudo veio "coincidir" mais uma vez, com a "fuga ao sagrado" que vem caracterizando o nosso século, dos anos 30 para cá. Então, a "árvore-do-bem-e-do-mal" começa a ser distribuída. Há uma nova modalidade de escritores com editores especializados: a dos que trabalham em um ramo literário conhecido agora como "divulgação científica".

Ora, por que isto já não teve lugar no século XIX, mormente em seu final de pleno cienticismo ?

A primeira razão já a temos em cima: meios de comunicação não evoluídos e audaciosos como os de hoje. A segunda, pode ser encontrada através de breve reflexão histórica.

Com o humanismo renascentista, a idéia passa a ser a de que o Universo deve servir ao homem inteligente e criador. A figura do Adão recém-criado, no teto da Capela Sixtina é o melhor símbolo da recolocação da "glória" humana, achado por Michelangelo. Um homem musculoso, belo, quase nu, sem as marcas do jejum e do pietismo, nas palavras do próprio artista: "na glória da sua nudez". Com a intensidade do Renascimento, só mesmo o humanismo do Renascimento. Todavia, sua influência (sofrendo elevações, oscilações e quedas) perdurou por séculos. Sabe-se que a primeira idéia a respeito da Técnica era a de que sua função seria "humanizar a natureza". É por esta razão que, mesmo sofrendo os embates das revoluções comercial e industrial, o humanismo de alguma forma se manteve. Mark TWAIN ou Walt WHITMAN, quando cantaram elogios à tecnologia, fizeram-no de uma perspectiva comprovadamente humanística.

Assim, apesar da "democratização da RAZÃO", apesar das mencionadas revoluções, o ensino — que já dissemos, permaneceu muito tempo de elite, ficou sendo por mais tempo humanístico. As disciplinas predominantes, humanísticas. Tinhamos até curso de Humanidades.

No momento em que os sistemas econômicos subjugarão efetivamente a ciência e a técnica, passou-se à vigência da lógica de que "nada é respeitável ou sagrado, tudo deve ser explorado em seus recursos" para o progresso econômico. Aí propriamente se inicia a paixão pela "divulgação científica", e o anseio por não apenas comer os frutos da árvore-do-bem-do-mal, mas distribuí-los (quem sabe se para nivelar os pecados ?).

Assim entendemos que terminou a "história sagrada" da Ciência.

CONCLUSÃO

Vimos pelo menos três aspectos da "fuga ao sagrado" no século XX. Entretanto, muitos psicólogos e antropólogos têm hoje concluído que o grande drama do homem contemporâneo é, exatamente, "VIVER NUMA REALIDADE DESSACRALIZADA".

Se nos questionarmos se poderíamos ter evitado esta etapa, vamos encontrar necessariamente a resposta NÃO. Isto é, foi (ou está sendo) indispensável para o nosso crescimento. Como que uma crise de adolescência — quando Bonhoeffer, em 1944, já acreditava na adulez da Humanidade.

Freqüentemente nos perguntamos, pelos descampados de nossa solidão, “quais os novos caminhos possíveis ?” Mas, observando o que se passa ao nosso redor: uma explosão mística no seio da juventude mais sensível e independente, a quantidade instituições que se estão agora dedicando ao impressionante fenômeno “religião”, aí é que mais ficamos perplexos. Prepara-se o retorno do Filho Pródigo ? ou tudo é simplesmente desordem e multiplicidade de tentativas ?

De uma coisa estamos certos: se acontecer um retorno ao sagrado será algo novo e original. Sim, porque, usando as conceituações de Durkheim, podemos dizer que já não se dará uma “solidariedade mecânica”: crer em Deus por TEMOR DE DEUS. Dar-se-á a “solidariedade orgânica:” crer por AMOR A DEUS.

Conheço lugares onde, hoje em dia, é ridículo falar em sagrado ou falar em Deus. Ali é visível a opção feita entre uma **prisão** (visão religiosa fechada) e outra. Hoje queremos mais que nunca muita abertura, um espírito suficientemente universalista para falarmos claro e sem medo sobre a “presença de Deus” como sobre sua inexistência”.

Estas páginas, entretanto, não pretenderam mais do que estudar a força centrífuga, esta que, carregou o homem contemporâneo do SAGRADO para fora dele — e algumas conseqüências. Pensamos em religião, em educação, em ciência e nos pareceu haver um denominador comum em muitos acontecimentos dessas áreas no século presente.

BIBLIOGRAFIA

BISHOP, Jourdain. **Os Teólogos da Morte de Deus**. São Paulo, HERDER, 1969.

KILPATRICK, William. **Educação para uma civilização em Mudanças**. São Paulo, Melhoramentos, 1965.

REISSIG, Luís. **A Era Tecnológica e a Educação**. Rio. MEC, 1959.

VÁRIOS. **Iniciação à História da Ciência**. São Paulo, Cultrix, 1966.

DAMPIER, William. **Pequena História da Ciência**. São Paulo, IBRASA, 1 961.

MUMFORD, Lewis. **"A Condição Humana"**. Porto Alegre, Ed. Globo, 1 958.